



**NARRATIVAS
QUE EDUCAM PARA
A
ANCESTRALIDADE:
PROPOSTAS PARA
AULAS DE
LITERATURA.**

JEFFREY MIRANDA

**NARRATIVAS
QUE EDUCAM PARA A
ANCESTRALIDADE:
Propostas para aulas de
Literatura.**

**Jeffrey Marley da Silva Miranda
Lilian Castelo Branco de Lima**



**NARRATIVAS
QUE EDUCAM PARA A
ANCESTRALIDADE:
Propostas para aulas de
Literatura.**

**Jeffrey Marley da Silva Miranda
Lilian Castelo Branco de Lima**

**1ª edição:
2023**



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
Leitura e Literatura na Escola	5
Literatura Afro-Brasileira: Quilombos no Currículo Escolar	9
Sala de Aula Invertida (Sai)	12
A ESCRITORA	15
A OBRA ‘ESTUDA, ZÉ!’	17
SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS PARA O ESTUDO DA OBRA ESTUDA ZÉ!!...	19
Sequência Didática 1: Temática Geral: África - Antes e Depois do Escravidismo Português	20
Sequência Didática 2: Temática Geral: Os Quilombos Ontem e Hoje	24
Sequência Didática 3: Cultura, Culinária e Saberes da Ilha de São Vicente	28
Sequência Didática 4: Colorismo e Linguagem Regional Utilizada	32

OS AUTORES

Jeffrey Marley da Silva Miranda

Mestre em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL (2022). Possui graduação em Letras - Português e Inglês pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA (2014). Atualmente é Professor efetivo de Língua Inglesa da Secretaria Municipal de Educação de Axixá do Tocantins - TO.

Lilian Castelo Branco de Lima

Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Pará - UFPA (2017). Possui Mestrado em Letras pela Universidade Federal do Piauí (2011) e graduação em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA (2001). Atualmente é professora da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão/UEMASUL e do Ensino Médio do Estado do Maranhão.

APRESENTAÇÃO

Leitura e literatura na escola

Ou a literatura dá um sentido ao mundo, ou ela não tem sentido nenhum e o mesmo se pode dizer de nossas aulas (LAJOLO, 2004, p.13)¹.

Caro(a) professor(a),

Este material educacional foi produzido a partir da pesquisa de mestrado - NARRATIVAS QUE EDUCAM PARA A ANCESTRALIDADE: literatura, memória e identidade na percepção de quilombolas da Ilha de São Vicente – realizada por Jeffrey Marley da Silva Miranda, sob orientação da Prof. Dra. Lilian Castelo Branco de Lima. A pesquisa foi desenvolvida no Mestrado em Letras – pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL – Imperatriz/MA.

Neste livro há uma seleção de sequências didáticas para serem aplicadas em turmas de 6o ao 9o ano nas aulas de Língua Portuguesa ao se trabalhar o livro *Estuda Zé!* em 20 horas. As sequências didáticas são um sistema organizado e interconectado de atividades que são projetadas para permitir que os educadores transmitam conhecimento de maneira eficaz e sistemática (ZABALA, 1998).² Essas sequências são especialmente úteis ao ensinar um conteúdo complexo que pode ser difícil para os alunos compreenderem se for ensinado de uma só vez. A sequência didática é composta por uma série de intenções pedagógicas que são cuidadosamente planejadas, com cada etapa construída e interrelacionada com a anterior (OLIVEIRA, 2013). Além disso, é planejada de forma a garantir que qualquer preparação técnica necessária seja devidamente considerada.

O objetivo principal é fornecer uma progressão lógica de aprendizado que permita aos alunos desenvolver sua compreensão do assunto escolhido, desde o básico até os aspectos mais complexos. Desta forma, os docentes podem obter uma compreensão abrangente do material.

¹ LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. Editora Ática, 1993.

² De acordo com Zabala (1998), toda prática pedagógica exige uma organização metodológica para a sua execução.

Eu, como professor do Ensino Fundamental Maior a mais de 10 anos na rede pública tive a oportunidade de lecionar em estados do Norte e Nordeste do Brasil, como Tocantins, Maranhão e Bahia. Nestas experiências pude observar problemas comuns nas instituições por onde passei, desde de problemas de infraestrutura à problemas de formação docente e preparação adequada dos discentes para a leitura. As bibliotecas muitas vezes não têm estrutura adequada para apoiar os alunos em suas atividades literárias, e muitos alunos não leem por falta de motivação ou recursos. Além disso, os professores muitas vezes não têm tempo suficiente para ler, planejar e preparar atividades personalizadas para suas turmas, devido à pesada carga de trabalho que enfrentam e se forem mulheres complica ainda mais, pois muitas delas são mantenedoras de seus lares (BATISTA; LIMA, 2021) (MARCONDES, 2013)³.

Entendendo que até o século XIX, a cultura era privilégio da elite social, apenas após o século XX que houve a democratização da leitura e do ensino. A literatura é um bem imaterial que ajuda no exercício da liberdade (PERRONE-MOISÉS, 2019⁴, p. 27).

A democratização da leitura e do ensino no século XX foi um desenvolvimento incrivelmente significativo em termos de ampliação do conhecimento e da compreensão cultural. Antes desse período, a cultura era um privilégio da elite social com a maioria das pessoas sem acesso ao mesmo nível de conhecimento. A literatura, um bem exclusivamente incorpóreo, desempenhou um papel importante nessa democratização ao fornecer um meio para as massas obterem acesso ao conhecimento e à educação. A literatura trouxe a oportunidade de os indivíduos exercerem sua liberdade de maneiras não disponíveis anteriormente.

Além disso, a literatura forneceu um caminho para os indivíduos obterem uma visão do mundo ao seu redor, auxiliando no desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico. Como tal, a literatura teve um impacto profundo e duradouro na maneira como os indivíduos interagem na sociedade.

³ BATISTA, Natielly da Silva; LIMA, Carlos Eduardo da Silva. Especial Ayabás: mulheres negras chefes de família. Orientador: Robson da Silva Braga. 2021. 34 f. TCC (Graduação em Jornalismo) - Curso de Graduação em Jornalismo, Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

MARCONDES, Mariana Mazzini Organizadora et al. Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. 2013.

⁴ PERRONE-MOISÉS, Leyla. Mutações da literatura no século XXI. Editora Companhia das Letras, 2016.

Quem não lê, mal fala, mal ouve, mal vê, Lajolo (2004, p.13) se refere ao fato de a falta de acesso à pluralidade cultural literária de seu país, privar os alunos da oportunidade de obterem uma maior compreensão do mundo. E essa falta de compreensão pode ter um impacto negativo, pois a leitura não só permite a aquisição de conhecimentos e a melhoria das competências de compreensão escrita, como também proporciona ao indivíduo o acesso a uma série de recursos culturais e educativos.

Da mesma forma, falar, ouvir e ver servem para expandir a consciência, a compreensão e a apreciação do mundo. Sem essas atividades, a capacidade de interagir e apreciar o mundo mais em sua forma mais ampla é reduzida. Assim, um indivíduo que não lê, mal fala, mal ouve e mal vê está perdendo oportunidades de compreender e apreciar melhor o mundo ao seu redor.

A leitura é um desafio complexo no mundo de hoje, onde somos constantemente bombardeados com distrações de nossos telefones celulares, computadores e outros dispositivos. Isso exige uma necessidade de adaptação à realidade social em constante mudança, como encontrar métodos alternativos de leitura de livros tradicionais de papel. Um desses métodos é o uso de telas, de dispositivos móveis como ferramentas de leitura; esses dispositivos têm a vantagem de serem altamente portáteis, tornando-os ideais para leitura em movimento.

Além disso, as telas móveis podem fornecer uma variedade de recursos que podem ajudar a aprimorar a experiência de leitura, como a capacidade de salvar, pesquisar e fazer anotações em texto, bem como acesso a diversos conteúdos multimídia. Isso pode fornecer uma experiência de leitura mais envolvente, permitindo que os leitores se envolvam ainda mais com seu material.

É preciso refletir sobre a estrutura do sistema educacional na esfera pública, para que se articulem meios de se trabalhar efetivamente a literatura em sala. Desde uma frutífera formação continuada aos professores, que de acordo com as minhas experiências como professor na rede pública, observei que elas eram de fato infrutíferas pois não correspondiam as reais necessidades da sala de aula, que poderiam ser conhecidas, em sua pluralidade, se o dialogo nas estâncias educacionais de fato acontecesse e quando se desse fossem tomadas medidas efetivas de melhorias.

A questão de infraestrutura escolar é certamente um outro fator responsável pelo não estímulo a leitura, tendo em vista, que muitas das bibliotecas das escolas

públicas não são estruturadas, não possuem bibliotecário, são ambientes não muito convidativos e com escassez de recursos (CAMPELLO, CALDEIRA, ALVARENGA, SOARES, 2012)⁵. Essa falta de cuidado com a coisa pública pode ser atribuída a vários fatores diferentes, como recursos limitados, restrições orçamentárias e falta de vontade política. Como consequência se tem à diminuição do desempenho do aluno, maiores taxas de evasão e uma diminuição geral na qualidade da educação fornecida aos alunos. Portanto, é fundamental que as escolas públicas recebam investimentos adequados as plurirealidades.

As escolas particulares, por sua vez, preocupam-se bastante com a infraestrutura da escola. Afinal, as condições do prédio, do terreno e dos recursos disponíveis para alunos, pais e professores indicam o nível de comprometimento e cuidado da gestão da escola. Consequentemente, a infraestrutura de escolas privadas deve ser capaz de fornecer efetivamente os recursos necessários, tanto físicos quanto educacionais, para garantir que os alunos recebam a educação da mais alta qualidade possível.

Refletir sobre as problemáticas relacionadas a como se dá a leitura no sistema educacional brasileiro significa avaliar a infraestrutura atual e buscar áreas e formas de melhoria para fornecer o ambiente de aprendizado mais eficaz e envolvente. (BARROCO, 2004)⁶

⁵ Campello, B. S., Caldeira, P. da T., Alvarenga, M., & Soares, L. V. de O. (2012). Situação das bibliotecas escolares no Brasil: o que sabemos?. *Biblioteca Escolar Em Revista*, 1(1), 1-29. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-5894.berev.2012.106555>

⁶ BARROCO, José Alves. *As bibliotecas escolares e a formação de leitores*. 2004. Tese de Doutorado.

Literatura afro-brasileira: Quilombos no currículo escolar

[...] A branca sambando rebola
 A nega sambando faz ginga
 A banca rezando é devota
 A nega rezando faz mandinga
 A branca escrevendo explica
 A nega falando ensina

Eu vi essa branca no shopping
 Eu vi essa nega na feira
 A branca olhando é charmosa
 A nega olhando faceira
 Da branca eu sinto saudades
 Da nega eu sinto banzeira'

Nego Bispo⁷

A literatura afro-brasileira é uma forma de literatura específica do Brasil e tem sido produzida por escritores afrodescendentes. Ele reflete a história e a cultura únicas da diáspora africana no país e oferece uma visão profunda da experiência africana no Brasil. Essa literatura existe há séculos, mas sua popularidade cresceu nas últimas décadas, à medida que o país se tornou cada vez mais diversificado e as vozes dos afro-brasileiros foram ouvidas mais amplamente.⁸

A literatura afro-brasileira geralmente assume a forma de contos, poesias e romances, e geralmente se concentra em temas como história, identidade, família e raça. É uma forma poderosa de expressão literária que fornece um espaço importante para pessoas de origem africana compartilharem suas histórias e

⁷ ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS, o NÊGO BISPO, Líder quilombola pertencente a uma comunidade rural do Piauí, Bispo foi professor da disciplina Encontro de Saberes na UnB em 2012 e 2013 e pertence à rede de mestres docentes do Instituto. Possui ensino fundamental completo e faz parte da primeira geração da família da sua mãe que teve acesso à alfabetização.

⁸ O surgimento da literatura de autoria negra no Brasil remonta a meados do século XIX, porém, nas últimas décadas, tem havido um crescente interesse acadêmico por essa área crítica da literatura. Foi somente nas últimas três a quatro décadas que estudos críticos foram conduzidos para examinar e analisar as várias facetas dessa rica e importante tradição literária. Para mais informações: ZIN, Rafael Balseiro. LITERATURA E AFRODESCENDÊNCIA NO BRASIL: CONDIÇÕES E POSSIBILIDADES DE EMERGÊNCIA DE UM NOVO CAMPO DE ESTUDOS. Caderno Seminal, v. 29, n. 29, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/download/30978/23754>.

perspectivas (GOMES, 2019).⁹ O impacto de sua escrita é sentido em todas as respectivas narrativas culturais e sociais do país. À medida que o campo da literatura de autoria negra brasileira continua a ser explorado, estudiosos críticos estão descobrindo a imensa contribuição dessa tradição diversificada e ancestral.

A literatura afro-brasileira serve como uma ferramenta poderosa para interromper o status quo, unindo política, cultura e outros aspectos do poder social. Para identificar e compreender adequadamente essa literatura, alguns elementos devem ser levados em consideração. De acordo com a pesquisa de DE ASSIS DUARTE; FONSECA; DE GODOY (2011)¹⁰ na literatura afro-brasileira, em primeiro lugar, o discurso textual deve conter uma voz autoral afro-brasileira explícita ou implícita. Em segundo lugar, a literatura deve incluir temas e tópicos centrados na experiência afro-brasileira. Finalmente, a linguagem deve ser marcada por um tom afro-brasileiro, ou seja, a linguagem deve ser enquadrada de forma a refletir a experiência única do povo afro-brasileiro. A literatura afro-brasileira, portanto, é um ponto de vista único para ver o mundo, permitindo compreender as experiências daqueles que viveram as várias formas de luta, discriminação e marginalização no Brasil.

E este livro foca na análise de uma obra que retrata a dinâmica de um quilombo em contexto urbano da região do Bico do Papagaio, que corresponde ao Norte do Estado de Tocantins, Sul do Pará, e Sudoeste do Maranhão, está localizada na confluência dos rios Araguaia e Tocantins. É conhecida por sua imensa diversidade social sendo composta por uma miríade de povos, entre eles os indígenas, pequenos agricultores, colonos, pescadores, extrativistas, garimpeiros e artesãos, todos interligados e formando uma paisagem cultural única. Um dos marcos que atravessam a história desta região é a Guerrilha do Araguaia, ocorrida entre 1972 e 1975 no norte do atual Tocantins, no sul e sudeste do Pará e no oeste do Maranhão. (RAMOS, 2019).

Neste cenário, encontra-se a Comunidade Remanescente de Quilombo Ilha de São Vicente, que representa um poderoso lembrete de um momento marcante da

⁹ GOMES, Manoel Messias. Africanidade: contemporaneidade, cultura e educação. Revista Educação Pública, v. 19, nº 28, 5 de novembro de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/28/africanidade-contemporaneidade-cultura-e-educacao>

¹⁰ DE ASSIS DUARTE, Eduardo; FONSECA, Maria Nazareth Soares; DE GODOY, Maria Carolina. Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. Editora UFMG, 2011.

história brasileira. Quilombos eram comunidades de escravizados africanos que escaparam de seus captores e buscavam refúgio nas florestas profundas do Brasil. A formação de quilombos foi particularmente importante durante os tempos da colonização portuguesa do Brasil, quando o comércio de escravos era desenfreado. O Quilombo de Palmares, localizado no atual município de União dos Palmares, Estado de Alagoas, surgiu no início da colonização e foi desmantelado, segundo a historiografia oficial, no ano 1695 (DOS SANTOS, 2015, p. 63).¹¹

Essas comunidades eram refúgios para os escravizados, proporcionando-lhes a liberdade de criar seus próprios estilos de vida e cultura, muitas vezes caracterizados pela preservação e celebração das tradições africanas. Os quilombos do Brasil há muito são um símbolo importante das lutas dos escravizados africanos, e as quase 6 mil¹² comunidades remanescentes ainda hoje carregam o mesmo significado.

Os quilombos tiveram grande importância ao longo da história por representarem a força coletiva da população afro-brasileira frente à opressão. Eles não são apenas um lembrete da resiliência e do poder da população afro-brasileira, mas também fornecem uma visão única da história do país. Os quilombos oferecem uma compreensão de como os afro-brasileiros conseguiram sobreviver apesar das desumanas condições de suas experiências. Os quilombos não são apenas de grande importância histórica, mas também de grande importância cultural e social.

Por isso é preciso que haja institucionalmente a inclusão da literatura afro-brasileira em sala de aula, o que é uma tarefa desafiadora devido a uma série de fatores. Em primeiro lugar, há uma falta significativa de materiais didáticos apropriados. Isso se deve em grande parte ao fato de haver uma escassez de autores negros representados no sistema educacional tradicional.

Além disso, não é incomum que os professores não tenham o treinamento e o conhecimento antirracista necessários para integrar adequadamente a literatura afro-brasileira em seus planos de aula. Assim, é fundamental que haja um aumento da disponibilidade e acessibilidade de materiais didáticos, bem como o compromisso

¹¹ DOS SANTOS, Antônio Bispo. Colonização, quilombos, modos e significados. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa–INCTI. Universidade de Brasília–UnB. Brasília, 2015.

¹² Mais de 6 mil comunidades que esperam ser certificadas e tituladas em todo território nacional (CONAQ, 2022).

de fornecer aos professores as informações e recursos necessários para melhor facilitar a inserção dessa literatura na sala de aula.

Em sala de aula, uma educação antirracista deve incluir a temática das comunidades quilombolas como forma de fomentar a tolerância e o respeito. As comunidades quilombolas são uma parte única e importante da cultura e história afro-brasileira, e suas histórias devem ser compartilhadas para compreender-se a verdadeira pluralidade de suas experiências. Ensinar sobre os quilombolas pode ajudar a dissipar mitos e estereótipos.

Como pesquisadores, somos privilegiados e honrados por ter a oportunidade de poder difundir as narrativas desta comunidade para o mundo e esta obra é fruto deste ensejo.

Sala de Aula Invertida (SAI)

A abordagem da Sala de Aula Invertida (SAI), em inglês: *flipped¹³ classroom*, tornou-se cada vez mais popular nos últimos anos como um meio de melhorar o aprendizado e a retenção do aluno. Na década de 1990, o conceito de SAI começou a ser explorado, principalmente por pesquisadores das universidades americanas de Harvard e Yale. Em 2000, J. Wesley Baker aprofundou esse conceito com suas pesquisas e estudos inovadores¹⁴ e então esse modelo foi adotado por algumas das mais prestigiadas e renomadas universidades dos Estados Unidos, como Harvard, Stanford, MIT e Duke.

O modelo de Sala de Aula Invertida (SAI) tem crescido em popularidade na América Latina, principalmente em países como Argentina, México, Colômbia, Peru e Chile, onde o conceito já foi adotado por diversas instituições de ensino. O modelo, que exige que os alunos revisem o material da aula antes da aula real, foi adotado por muitos educadores da região como um meio eficaz de fornecer aos alunos instrução mais personalizada em sala de aula.

No Brasil, a SAI é mais prevalente em instituições de ensino superior; no entanto, sua implementação ainda é consideravelmente subdesenvolvida quando

¹³ Como verbo: sacudir. Como substantivo: sacudidela, arremesso, gemada, estalido, turbulência. Como adjetivo: irreverente, insolente, petulante.

¹⁴ Baker, J. W. (2000). [The "Classroom Flip": Using Web course management tools to become the Guide by the Side](#). In J. A. Chambers (Ed.), Selected papers from the 11th International Conference on College Teaching and Learning, pp. 9-17. Jacksonville, FL: Florida Community College at Jacksonville.

comparada a outros países latino-americanos. Isso pode ser atribuído ao fato de que o modelo requer um certo nível de infraestrutura tecnológica e treinamento de professores para ser implementado com sucesso em sala de aula. A SAI é um modelo de ensino híbrido e um dos tipos de Metodologia Ativa (MA).

Esse modelo tem várias vantagens, incluindo maior retenção de aprendizado, pois os alunos podem se envolver mais profundamente com o material por meio de seu próprio estudo independente. Além disso, a abordagem da SAI empodera o aluno como protagonista de seu próprio aprendizado, proporcionando-lhe a oportunidade de explorar o material à sua maneira (BERGMANN; SAMS, 2018¹⁵).

Ao inverter o modelo tradicional de sala de aula e fazer com que os alunos explorem o material fora da sala de aula, os instrutores podem usar o tempo de aula para abordar tópicos específicos, permitindo um ambiente de aprendizado mais interativo e envolvente. O modelo SAI pode ser uma ferramenta poderosa para escolas públicas que buscam incorporar uma abordagem de aprendizado mais personalizada.

Uma pesquisa¹⁶ feita em um contexto escolar público de São Luís – Maranhão, nordeste brasileiro, (JUNIOR; MENDES; SILVA, 2016) mostrou que entre as principais vantagens da SAI com o auxílio das tecnologias digitais foram a oportunidade do conhecimento prévio a se estudar, e a flexibilidade de acesso ao conteúdo. O melhor aproveitamento do tempo em sala de aula e a maior participação-interação entre professor-aluno foram outros benefícios apontados.

O estudo de Felcher (2021)¹⁷ em uma escola pública no Rio Grande do Sul, mostrou que no ensino de matemática a utilização do modelo SAI, foi muito significativo aos alunos daquela instituição, pelo fato de ter sido uma atividade diferenciada com o uso de aplicativos do celular.

A introdução da plataforma Google Forms na disciplina de língua portuguesa em escolas públicas de São Paulo, sudeste brasileiro, proporcionou um novo nível de autonomia e engajamento para os alunos, bem como tendo significativo impacto

¹⁵ BERGMANN, J.; SAMS, A. Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem. Rio de Janeiro, LTC, 2018.

¹⁶ JUNIOR, João Batista Bottentuit; MENDES, A. G. L. M.; SILVA, N. M. Sala de aula invertida e tecnologias digitais: uma experiência numa escola pública em São Luís-MA. Revista Tecnologias na Educação, n. v. 18, p. 1-14, 2016.

¹⁷ FELCHER, Carla Denize Ott et al. O uso da sala de aula invertida para ensinar polígonos. Revista de Ensino de Ciências e Matemática, v. 12, n. 1, p. 1-18, 2021.

nos indicadores das avaliações externas realizadas pela Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo. (SILVA; PESCE; VALERIO NETTO, 2018).¹⁸

Para garantir uma implementação bem-sucedida, é importante reservar um tempo para planejar e preparar todas as partes interessadas antes de começar. Os primeiros passos para a aplicação da SAI em um ambiente de escola pública são os seguintes: primeiro, é essencial alocar tempo suficiente para estudo e planejamento. Isso envolve pesquisar o modelo e determinar a melhor forma de implementá-lo na escola específica.

Em segundo lugar, os professores devem ser treinados para entender o modelo, seus benefícios e as novas responsabilidades que assumirão como mentores. Em terceiro lugar, os alunos devem estar preparados para se apropriarem de sua aprendizagem e serem participantes ativos no processo e isso se dá com a compreensão que ele é o sujeito da sua aprendizagem. Em quarto lugar, os professores precisam entender as necessidades e os interesses de seus alunos. Ao fazer isso, eles podem criar conteúdo relevante e envolvente para os alunos, além de garantir que o material seja acessível e compreensível para todos. Além disso, os professores devem avaliar periodicamente a compreensão de seus alunos sobre o material, aplicando testes e fornecendo feedback.

¹⁸ SILVA, M. I. O. da; PESCE, L.; VALERIO NETTO, A. Aplicação de sala de aula invertida para o aprendizado de língua portuguesa no ensino médio de escola pública. **Tecnologias, Sociedade e Conhecimento**, Campinas, SP, v. 5, n. 1, p. 100–119, 2018. DOI: 10.20396/tsc.v5i1.14728. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tsc/article/view/14728>. Acesso em: 13 dez. 2022.

A ESCRITORA

Eu sou Helisana Barros dos Santos Monteiro, remanescente quilombola, tenho 25 anos. Meu sobrenome 'Barros' vem do meu pai que é remanescente quilombola da Ilha de São Vicente, ele vem de uma linhagem dos Barros; 'Santos' vem da minha mãe, a família dela veio do sul do Brasil; E 'Monteiro' é do meu marido. Esses três sobrenomes pra mim são muito importantes e por isso eu sempre os ressalto.



Desde pequena fui incentivada à leitura e a entrar na Universidade, e isso fez toda a diferença na minha vida! Ao conversar com a minha avó paterna, Vicência Barros, eu vejo nela a sede quando fala que queria ter tido a oportunidade de estudar, vejo esta mesma sede nas minhas tias-avós e meus tios-avôs. Sempre estudei em escola pública e ao terminar o ensino médio consegui a aprovação no curso de Licenciatura em Computação, no Instituto Federal do Tocantins (IFTO).

Por intermédio das ações afirmativas eu entro na Universidade por cotas direcionadas à quilombolas e pude ter acesso ao programa de Bolsa Permanência, um programa que desde 2013 ajuda estudantes de graduação em situação de vulnerabilidade socioeconômica, das instituições federais de ensino superior do país. Esses jovens que entram e não tem apoio financeiro para estudar acabam por desistirem, por não terem condições de se dedicar apenas aos estudos. Através da minha entrada eu consegui motivar outros jovens de minha comunidade a também cursarem uma universidade e hoje vejo as mudanças que eles obtiveram em suas vidas por terem se dedicado aos estudos.

Muita coisa mudou em minha comunidade após a entrada dos membros da comunidade na Academia, a comunidade foi crescendo e amadurecendo sociopoliticamente. E mudanças começaram a acontecer, como a criação de uma

Associação da comunidade, pois até então, éramos uma comunidade quilombola e nem sabíamos. Naquele território nos reconhecíamos apenas como uma família que ali muito tempo estava, a partir da criação da nossa associação, nos articulamos para exigir o que é nosso por direito: como Escola Quilombola em nosso território, energia elétrica, água tratada, acesso ao sistema de saúde e o direito garantido de ir e vir, entre outras questões. Entender a sua origem faz você se enxergar em um novo lugar e desejar alcançar os espaços que lhe foram negados.

Em minha vida, eu passei por vários processos no entendimento de quem eu era, escolhi durante toda a infância e adolescência alisar o meu cabelo, para sentir-me aceita na escola, e escondi minha identidade de remanescente de escravizados por sentir vergonha. Quando deixei o meu cabelo voltar ao seu estado natural era como se eu estivesse voltando a ser quem eu sou, e poder falar da minha família de suas memórias e ancestralidade é algo que me orgulha muito e me motiva a seguir em frente.

Helisana Barros

A OBRA ‘ESTUDA, ZÉ!’

Bem-vindo ao fascinante mundo das comunidades quilombolas localizadas na região do Bico do Papagaio! Estuda, Zé! é a primeira obra escrita de Helisana Barros, em sua primeira edição continha ilustrações feitas à mão, já nesta 2ª edição ele ganha as ilustrações feitas digitalmente por intermédio de um aplicativo de celular.

A Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente é apenas um exemplo da diversidade de vida encontrada no Brasil. Essa comunidade é formada por afrodescendentes que sofreram séculos de escravização, mas que ainda conseguiram preservar sua cultura e tradições, apesar das adversidades.

A educação é a chave do sucesso, e para Zé – uma criança negra da comunidade quilombola Ilha de Vicente, – não seria diferente. Apesar de ter crescido numa comunidade marginalizada, o Zé soube reconhecer o valor do trabalho árduo, da dedicação e da educação na sua vida.

Graças ao apoio inabalável de sua família e de uma mentora incrível - Maria, Zé conseguiu entender a importância de estudar e como isso poderia melhorar sua vida. A mentora do Zé serviu-lhe como fonte de inspiração e apoio. A história de Zé nos lembra que a educação é um direito humano fundamental e que, com os recursos e oportunidades certas, qualquer um pode ter sucesso.

Este livro chama a atenção para uma fuga dos estereótipos e do pragmatismo, destacando a importância da literatura. À medida que as crianças se desenvolvem, procuram maneiras de expressar sua imaginação e sentimentos. É por isso que a literatura é tão importante pois dá-lhes a oportunidade de descobrir e explorar diferentes pontos de vista, de moldar as suas próprias identidades e de compreender o mundo.



Este livro oferece às crianças um caminho para escapar dos estreitos limites da realidade e explorar o poder da imaginação. Muito mais do que apenas entretenimento, a literatura pode expandir a visão de mundo de uma criança e incentivá-la a se aventurar em lugares onde talvez não tivesse oportunidade para isso fazer.

Quando uma criança lê livros afrocentrados, ela consegue se visualizar como protagonista da história. Isso ajuda a criar um sentimento de orgulho e identidade, e também pode ajudá-los a se sentirem mais conectados à sua cultura. Ler histórias que apresentam personagens que se parecem com seus pais e familiares pode ser especialmente benéfico.

**SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS
PARA O ESTUDO DA OBRA
ESTUDA ZÉ!!...**



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1:

TEMÁTICA GERAL: ÁFRICA - ANTES E DEPOIS DO ESCRAVISMO PORTUGUÊS

Esta parte é introdutória e necessária por entender que os alunos precisam desta base histórica sobre a ancestralidade africana e suas influências no Brasil, para que quando estiverem analisando a obra *Estuda Zé!!*, o façam entendendo esta perspectiva histórica, que institucionalmente foi omitida no currículo e discussão escolar. A educação escolar antirracista deve pontuar as problemáticas históricas para que se entenda o contexto atual, e que os eventos e circunstâncias do passado criaram o racismo sistêmico e a desigualdade sociocultural que há hoje no Brasil.

Assim, nesta fase estudaremos sobre estudaremos sobre como o mundo e o continente africano se encontra até 1530, os motivos que levaram os portugueses em 1444 a começar a adquirir escravizados negros no Sudão, com a exploração da costa da África e a colonização das Américas. E estudar sobre a Cultura Ancestral Africana, sua História e Conhecimento Oral dará aos alunos uma visão maior sobre a riqueza multicultural dos povos africanos que vieram para o Brasil.

Examinaremos o sistema de navios negreiros que foi responsável pelo transporte de milhões de pessoas do continente africano para as Américas, bem como o sistema escravista que foi concebido para manter os escravizados em posição de servidão. Adicionalmente, consideraremos o quilombismo, que foi uma forma de resistência praticada por escravizados fugitivos que buscavam estabelecer comunidades livres e se opor às forças opressoras do sistema escravista. Por fim, analisaremos o processo de Abolição da Escravatura, que foi o ato de acabar oficialmente com a escravização do povo negro no Brasil e suas variadas etapas.

Ao aprender sobre as contribuições únicas da cultura africana para os vários aspectos da cultura brasileira, podemos obter uma apreciação mais completa da diversidade cultural brasileira e do papel integral da cultura africana dentro dela. Sua influência é visível na arte, música, comida, religião, moda, engenharia, linguagem e costumes, e etc. Na arte, por exemplo, a arte africana é caracterizada por suas cores vibrantes, formas e padrões ousados e representações simbólicas da cultura

africana. A música africana é caracterizada por uma grande variedade de ritmos, melodias e instrumentos que são frequentemente usados para transmitir mensagens de celebração, protesto e luta.

PLANEJAMENTO

<p>TEMPO ESTIMADO</p> 	<p>5 horas/aula de 50 minutos</p>
<p>CONTEÚDOS</p> 	<p>Cultura Africana Ancestral, História Oral, Saberes, Navio Negreiro, Sistema escravista, Quilombismo, Abolição Da Escravatura, Legado Cultural Africano e sua influência na Arte, Música, Comida, Religião, Moda, Engenharia, Língua e Costumes.</p>
<p>OBJETIVOS</p> 	<p>Obter uma maior compreensão da longa e complexa história do povo africano e sua experiência coletiva até sua chegada ao Brasil.</p>
<p>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</p> 	<p>Para a execução desta aula, o professor deve dividir a turma antecipadamente em grupos para que eles possam fazer a pesquisa e uma breve apresentação expositiva das temáticas presentes nos conteúdos acima. Após essa exposição, será feito um debate utilizando a técnica GV-GO, para estimular a argumentação e a síntese das contribuições individuais.</p>
<p>AVALIAÇÃO</p> 	<p>Observação das contribuições individuais de cada aluno e seu posicionamento crítico (ou não) sobre os temas apresentados e sobre as opiniões dos colegas. E responder ao questionário (Sintetizador).</p>
<p>REFERÊNCIAS</p> 	<p>Como Eram As Sociedades Da África Subsaariana Antes Da Chegada Dos Europeus , África Pré-Colonial , Fim Do Tráfico De Escravos Africanos , Cultura Afro - Brasileira , Evolução Histórica da CULTURA AFRO-BRASILEIRA , navio-negreiro . Vídeo: Congado: Legado Cultural Africano No Brasil,</p> <p>Obra: Quilombismo – Abdias do Nascimento.</p>



Como desenvolver

1 – PREPARAÇÃO (1 AULA)

O professor deve distribuir cuidadosamente de forma heterogênea seus alunos em grupos separados, atribuindo a cada grupo a responsabilidade de realizar pesquisas preliminares sobre o assunto em questão, elaborando posteriormente um conjunto de slides que servem para ilustrar e elucidar suas pesquisas¹⁹. O professor divide no decorrer das 4 aulas, duas temáticas por aula, para que haja tempo de explanação das duas temáticas e mais tempo para debate.

2 – EXECUÇÃO (2 AULAS)

Cada grupo apresenta por cerca de 15 minutos (o que corresponde ao tempo de preparar material de apresentação e desmontar), e os 20 minutos restantes destinam-se para a discussão utilizando a técnica GV-GO.

Sugestão de divisão de temáticas:

-
- 1- Cultura Africana Ancestral

 - 2- História oral e Saberes africanos

 - 3- Navio Negreiro

 - 4- Sistema escravista

 - 5- Quilombismo

 - 6- Abolição da Escravatura

 - 7- Legado Cultural Africano e sua influência na Arte, Música, Comida, Religião,

¹⁹ Ao permitir que seus alunos explorem o assunto dessa maneira, o professor é capaz de promover um ambiente de investigação e aprendizado independente, permitindo que eles obtenham maiores percepções sobre o assunto. Além disso, esta abordagem de ensino também serve para equipar os alunos com habilidades necessárias para serem capazes de pesquisar de forma autônoma e apresentar um tópico de forma eficaz no futuro.

Após essa exposição, será feito um debate utilizando a técnica de estudo de texto GV-GO (GV = grupo de verbalização; GO = grupo de observação), para estimular a argumentação e a síntese das contribuições individuais (ANASTASIOU; ALVES, 2004)²⁰. Neste exercício, dois grupos serão formados - um círculo interno (GV) e um círculo externo (GO). O GV irá debater o tema em questão, enquanto o GO irá observar e tomar notas. Decorrido o tempo estipulado, o moderador (que pode ser o professor ou outro aluno encarregado) ordenará a inversão dos dois círculos, deslocando assim o círculo interno para fora e o círculo externo para dentro. Após o término das discussões, o moderador poderá apresentar um resumo do assunto debatido - este resumo pode ser chamado de "sintetizador". Este sintetizador fornecerá uma visão geral da discussão, permitindo que todos os participantes obtenham uma melhor compreensão do tópico (SANTOS; BAZANI; SANTOS, 2021)²¹.

3 – REVISÃO (1 AULA)

Após as apresentações, o professor solicita aos alunos a produção escrita do sintetizador de cada grupo juntamente com 10 questões elaboradas. Esta síntese deve incluir quaisquer informações, referência ou opiniões que tenham sido compartilhadas com a classe.

4 – AVALIAÇÃO (1 AULA)

Cada grupo recebe um sintetizador de outro grupo da sala, para fazer a resolução das questões. Quando estas estiverem respondidas devem entregar ao grupo responsável pela apresentação, para que façam a pré-correção. Concluída a pré-correção, a síntese será então repassada ao professor para avaliação final e nota.

²⁰ANASTASIOU, L.G.C., ALVES, LP. Processo de Ensino na Universidade Pressupostos para as Estratégias de trabalho em aula. Joinville, 5 ed.67-98p. Santa Catarina-SC. 2004

²¹ SANTOS, G.C., BAZANI, C.L., SANTOS, D.L.J.S. Grupo de Verbalização e Grupo de Observação: Percepção de Alunos de Ciências Contábeis. Revista Mineira de Contabilidade, v. 22, n. 1, art. 7, p. 96 -108, janeiro/abril. 2021.Disponivelem: <https://revista.crcmg.org.br/rmc>. Acesso em: 14 março 2022.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2:

TEMÁTICA GERAL: OS QUILOMBOS ONTEM E HOJE

Nessa etapa de aprendizagem, o professor trabalha com os alunos o entendimento do que são as comunidades quilombolas remanescentes, termo usado para descrever os descendentes diretos dos escravizados africanos que residem em território que anteriormente era conhecido como Quilombo. É importante não apenas entender a história das comunidades quilombolas, mas também estar ciente de seus atuais confrontos territoriais.

Esses embates se devem ao fato de muitas dessas comunidades estarem localizadas em áreas desejadas pelo agronegócio, especulação imobiliária e pelo próprio poder público. Muitas vezes, as comunidades quilombolas carecem de recursos e apoio para defender seus territórios, levando ao seu deslocamento. É fundamental que os alunos entendam este contexto que os remanescentes estão inseridos.

Nesta fase é momento adequado para apresentar as comunidades da região do Bico do Papagaio utilizando informações visuais e textuais; especialmente da Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente. Isso envolve orientar os alunos a obter um conhecimento mais abrangente das histórias, culturas e costumes das comunidades da região.

Além disso, o professor deve também ajudar os alunos a identificar os significados das várias práticas tradicionais e heranças culturais destas comunidades, a saber há quatro comunidades quilombolas na região do Bico do Papagaio: Ilha de São Vicente, Carrapiché, Prachata e Ciríaco.

PLANEJAMENTO

<p>TEMPO ESTIMADO</p> 	<p>5 horas/aula de 50 minutos</p>
<p>CONTEÚDOS</p> 	<p>As Comunidades Quilombolas Remanescentes, seus embates territoriais, os quilombos na região do Bico do Papagaio e a Comunidade Ilha de São Vicente.</p>
<p>OBJETIVOS</p> 	<p>Conhecerem comunidades quilombolas da região do bico do papagaio para desmitificar, aprender,</p>
<p>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</p> 	<p>Os alunos são divididos em 4 grupos, cada grupo fica responsável por assistir a um curto documentário de até 15 minutos sobre uma comunidade quilombola do Tocantins e Maranhão; e responder a um questionário previamente construído pelo professor com perguntas sobre o documentário assistido pelo grupo.</p>
<p>AVALIAÇÃO</p> 	<p>Produção escrita e resolução de questionários.</p>
<p>REFERÊNCIAS</p> 	<p>Prosa e História Comunidade Ilha de São Vicente - To</p> <p>Rota do Sal Kalunga - Quilombo Kalunga Documentário</p> <p>JALAPÃO - Quilombo Mumbuca e o Capim Dourado</p> <p>Guardiões de Santa Rosa/</p>



Como desenvolver

1 – PREPARAÇÃO (1 AULA)

Os alunos são divididos em 4 grupos, cada grupo fica responsável por assistir a um curto documentário de até 15 minutos sobre uma comunidade quilombola do Tocantins e Maranhão; e responder a um questionário previamente construído pelo professor com perguntas sobre o documentário assistido pelo grupo.

Sugestão de documentários:

Prosa e História Comunidade Ilha de São Vicente - To²²

Rota do Sal Kalunga - Quilombo Kalunga Documentário²³

JALAPÃO - Quilombo Mumbuca e o Capim Dourado

Guardiões de Santa Rosa²⁴

2 – EXECUÇÃO (2 AULAS)

Após cada grupo concluir a resolução dos questionários, o professor orienta-os a redigirem digitalmente uma síntese individual do documentário que assistiram com até dez *screenshots* de partes consideradas relevantes pelo aluno.

Quando todos os textos forem entregues, será feita uma seleção dos melhores e estes textos serão agora destinados a outros grupos para fazerem a leitura e por meio desta leitura, responderem ao mesmo questionário que os alunos que assistiram responderam. Isto é, o grupo A que assistiu o documentário A1,

²² Prosa e História Comunidade Ilha de São Vicente – To. Disponível em: <https://youtu.be/BKoxmqXtD6M>

²³ Assistir aos 20 minutos iniciais deste documentário sobre a expedição à remo pelos rios Paranã e Tocantins, partindo das terras quilombolas Kalunga, na região da Chapada dos Veadeiros - GO, até Belém do Pará.

²⁴ Na comunidade quilombola de Santa Rosa dos Pretos, no interior do Maranhão, líderes comunitários lutam para preservar as tradições e memórias de seu povo.

responderá questões escritas sobre este A1 e entregará ao professor, em seguida fará um texto-síntese sobre A1. Logo depois haverá uma troca. O grupo A receberá o texto-síntese, por exemplo, do grupo B, juntamente com as questões que o grupo B teve que responder sobre o documentário B1 que assistiram. E vice-versa.

3 – REVISÃO (1 AULA)

Isso servirá para os alunos exercitarem a capacidade de categorizar e sintetizar informações para um específico público-alvo, que neste caso serão seus colegas de sala.

Após esta troca acontecer entre todos os grupos, e eles tiverem lido os outros três textos, e respondido seus respectivos questionários, será feita a exibição do documentário que mais apeteceu aos alunos.

4 – AVALIAÇÃO (1 AULA)

A produção escrita individual dos textos-sínteses, a resolução dos questionários.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3:

CULTURA, CULINÁRIA E SABERES DA ILHA DE SÃO VICENTE

As escolas são instituições vitais da sociedade, pois servem como um local de diversidade e convivência. Dessa forma, eles desempenham um papel importante na formação de cidadãos e na sua capacidade de se engajar na educação antirracista. Ao abraçar a diversidade e promover um ambiente de respeito e compreensão, as escolas criam um espaço seguro para os indivíduos aprenderem e crescerem.

Isso é alcançado por meio do desenvolvimento de habilidades como pensamento crítico, resolução de problemas e comunicação eficaz, necessárias para o diálogo e a colaboração bem-sucedidos. Além disso, as escolas são responsáveis pela promoção da educação antirracista, que envolve ensinar os alunos a reconhecer e desafiar o racismo sistêmico e seus efeitos perniciosos na sociedade.

A inclusão de pautas afirmativas no currículo escolar é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento de competências interculturais entre alunos de diferentes origens étnicas. Esta abordagem promove a ampliação do debate sobre a diversidade e incentiva o reconhecimento de sua identidade, autoaceitação e o resgate cultural da ancestralidade.

No livro são mencionadas algumas comidas e bebidas como: Suco de acerola, Peixe, arroz, farofa com ovo, cuscuz com leite e na sequência vamos questionar aos alunos se na rotina semanal deles há este tipo de comida que é abordado na história.

PLANEJAMENTO

 TEMPO ESTIMADO	5 horas/aula
 CONTEÚDOS	Comidas típicas do Bico do Papagaio de origem afro-brasileira. Aspectos culturais da comunidade quilombola Ilha de São Vicente
 OBJETIVOS	Conhecer as comidas da região que são de influência africana Revisar o gênero textual Receita
 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	Leitura do livro até a página 16 Slides com imagens dos pratos típicos da região Receitas de comidas impressa para recorte
 AVALIAÇÃO	Observação no desenvolvimento das atividades e conclusão das atividades feitas.
 REFERÊNCIAS	Comidas de rua: patrimônio, cultura e identidade local no norte do Tocantins Comida quilombola: conheça as características Receita – um gênero discursivo Histórias para alimentar a alma brasileira



Como desenvolver

1 – PREPARAÇÃO (1 AULA)

O professor prepara e organiza um documento no *power point* com as imagens das comidas e bebidas que foram citadas no livro, como: Suco de acerola, Peixe, arroz, farofa com ovo, cuscuz com leite, assim como comidas nacionalmente conhecidas como de influência africana para as menos conhecidas.

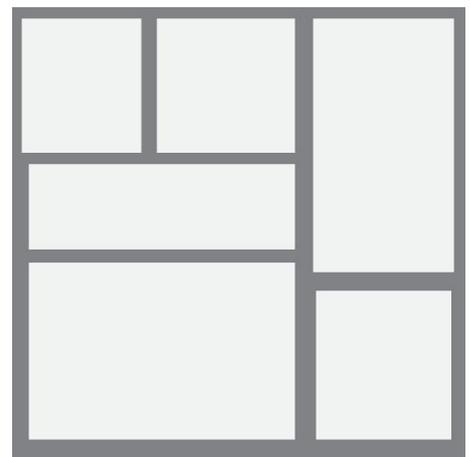
2 – EXECUÇÃO (3 AULAS)

No início da aula, os alunos são questionados sobre qual é o típico café da manhã em suas casas, quem os prepara, quais elementos utilizam, se estes elementos são comprados ou produzidos pela própria família, os alunos são provocados também a cerca de como quais produtos que eles ingerem podem ser plantados em casa e como se dá este processo.

Após, esse aquecimento, o professor introduz a temática de forma mais concisa, agora apresentando a riqueza cultural que a culinária de um país apresenta e as influências da negra africana escravizada no Brasil colonial na culinária. O professor elenca os pratos de influência africana nacionalmente conhecidos para os mais desconhecidos, e os exibe nos slides.

Após isso os alunos iniciam a leitura do livro juntamente com o professor da página 4 até a página 16. Discutem sobre os aspectos que mostram a identidade e rotina deste povo e então, são questionados sobre a temática alimentação no livro. São levados a procurar no livro os trechos que contém, comida e bebida.

Após elencar estes dados, o professor exibe a imagem destas comidas, juntamente com suas receitas. E os alunos recebem em grupo algumas das



receitas com a seção Modo de preparo dividida em passos, recortados um a um e embaralhados para o grupo colocar o passo a passo da receita em ordem. Para uma aula posterior, o grupo fica responsável pela produção daquele prato e trazer na próxima aula para deleite de todos.

3 – REVISÃO (1 AULA)

Na aula onde os alunos trazem os pratos típicos presentes no livro, eles são levados a identificarem os elementos que foram utilizados na produção de cada prato e devem fazer o registro por escrito.

4 – AVALIAÇÃO

Deverá ser participativa, levando em conta os aspectos qualitativos e quantitativos do aluno, no desenvolvimento das atividades em grupo e na resolução das atividades propostas.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4:

COLORISMO e LINGUAGEM REGIONAL UTILIZADA

O termo colorismo foi introduzido pela primeira vez em 1982, com o lançamento do livro *If the Present Looks Like the Past, What Does the Future Look Like?* de Alice Walker. No livro, a autora descreve o colorismo como uma forma de hierarquizar e diferenciar as várias tonalidades da pele negra, desde a mais clara até a mais escura. Esta classificação tem como objetivo contribuir para a inclusão ou exclusão de indivíduos na sociedade, dependendo de seu tom de pele.

O fenômeno do colorismo é um tipo de preconceito que ocorre entre pessoas da mesma etnia que são tratadas de forma diferente com base na tonalidade de sua pele. Isso significa que, geralmente, quanto mais próxima da etnia branca for a tonalidade da pele de um afrodescendente, menor será o nível de preconceito que eles vão sofrer. Por outro lado, quanto mais afrodescendente for a aparência de alguém, mais discriminada ela será.

Esta aula também foca no uso do regionalismo nesta literatura e entende este regionalismo como uma forma de expressar a cultura local de maneira única e autêntica. Ao incorporar a linguagem e os elementos da cultura local nesta obra, a autora cria um ambiente envolvente e familiar para os leitores. Ao usar a linguagem regional, a autora também cria uma narrativa rica e única que transcende a realidade local, capaz de atrair novos entendimentos.

PLANEJAMENTO

 TEMPO ESTIMADO	5 horas/aula
 CONTEÚDOS	Colorismo Racismo e identidade na escola e Linguagem Regional na obra
 OBJETIVOS	Conhecer a terminologia ‘Colorismo’ Identificar aspectos regionais
 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	Leitura do livro da página 17 em diante. Slides com imagens de pessoas negras com várias tonalidades.
 AVALIAÇÃO	O processo de avaliação ocorrerá mediante a participação dos alunos em todas as etapas do trabalho.
 REFERÊNCIAS	Colorismo – O que é e como trabalhar o tema na escola? Colorismo: o que é, como funciona Letramento acadêmico indígena e quilombola: uma política linguística afirmativa voltada à interculturalidade crítica VOZES DO SILÊNCIO: LINGUAGEM QUILOMBOLA E PRECONCEITO

	<p><u>LINGUÍSTICO-RACIAL EM RIO DE CONTAS NA BAHIA</u></p> <p><u>Cafundó: língua e memória quilombolas</u></p>
--	--



Como desenvolver

1 – PREPARAÇÃO

O professor faz num quadro uma tabela para os alunos preencherem com os hábitos da comunidade que estão presentes na vida deles.

2 – EXECUÇÃO (3 AULAS)

O professor solicita que os alunos voltem ao começo da obra em busca de hábitos que são comuns na localidade, como tomar banho no rio (p. 7 e 16), contato direto com a natureza (p. 10 e 14), cooperação entre os vizinhos (p. 12), meios de locomoção (p. 4, 7 e 13). Após isto feito, o professor retoma a leitura do livro com os alunos a partir da página 17 e agora eles tem que fazer sozinhos essa procura por estes aspectos culturais e copiar no caderno para depois socializar com seus colegas o que conseguiu obter a partir da leitura.

Na página 19 precisamente será vista a temática colorismo quando um dos colegas de Maria e Zé faz um comentário provocativo. A partir desta página os alunos devem ser levados a refletir criticamente sobre esta provocação e sobre o colorismo.

Discute-se também a linguagem e terminologias utilizadas pelas pessoas mais velhas do quilombo, o que elas significam e outras formas de se dizer aquilo em outras regiões brasileiras.

3 – REVISÃO (2 AULA)

Cada aluno deverá fazer uma redação contando os 10 aspectos mais importantes do livro e o que eles acrescentariam no discurso final de Zé.

4 – AVALIAÇÃO

O processo de avaliação ocorrerá mediante a participação dos alunos em todas as etapas do trabalho.

